

**FÓRUM PERMANENTE DE EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL DO ESTADO DO
ACRE (FPEER/AC)**

**DOSSIÊ PRÊMIO ACREANO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

Organizadoras:

Flávia Rodrigues Lima da Rocha
Joana Marques de Lima Saar Xavier
Kaliny Custódio do Carmo
Goreth da Silva Pinto
Minéia Dias Lopes Spoltore

Revisora:

Laianny Martins Silva Efel

Diagramador:

Andrisson Ferreira da Silva

1. Apresentação

Joana Marques de Lima Saar Xavier

As Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, fruto das lutas do movimento negro e movimento dos povos originários brasileiros, trouxeram alterações à Lei nº 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). As modificações constam em seus artigos 26-A e 79-B, respectivamente: "nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena" e "o calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'".

Essas alterações têm contribuído, significativamente, para que as instituições de Educação levem novas abordagens sobre a história e a cultura africana, afro-brasileira e indígena, numa perspectiva que não reforce estereótipos, racismo e preconceitos. O trabalho com a Educação das Relações Étnico-raciais tem proporcionado valorização das nossas ancestralidades, negra e indígena, e de nossas identidades.

Sobre a Educação para as relações étnico-raciais Nilma Lino Gomes afirma:

Uma educação voltada para a produção do conhecimento, assim como para a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos para (e na) diversidade étnico-racial, significa a compreensão e a ampliação do direito à diferença como um dos pilares dos direitos sociais. Implica também a formação de subjetividades inconformistas diante das práticas racistas e com conhecimento teórico-conceitual mais aprofundado sobre a África e as questões afro-brasileiras (GOMES, 2012 p. 22).

Essa Educação que dialoga com a diversidade e com o direito às diferenças que nossas crianças e nossos estudantes precisam. A perspectiva que levamos para os espaços educativos necessitam considerar as orientações constantes no Parecer CNE/CP 3/2004 do Conselho Nacional de Educação que trata das “Diretrizes Nacionais para Educação para as relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana”, onde destacamos que: “não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira” (BRASIL, 2004, p.08)

E com esse propósito que o Fórum Permanente de Educação Étnico-Racial – FPEER atua. O FPEER é uma instituição não-governamental, criada em 2008, no Estado do Acre, formado por diferentes Instituições ligadas à Educação, com o objetivo de acompanhar e apoiar a implementação das Leis nº 11.645/2008 e nº 10.639/2003, que modificaram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996.

Em 2018 o FPEER criou o ‘Prêmio Acreano de Educação das Relações Étnico-raciais’ que “busca reconhecer, divulgar e premiar o trabalho de professores, técnicos e gestores (entenda-se aqui por gestores: diretores, coordenadores de ensino e coordenadores pedagógicos) de instituições de ensino de Educação Básica que contribuem para a promoção de igualdade racial nas escolas”.

A seguir, traremos os relatos das experiências vividas em instituições da Educação Básica (Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais) que fizeram parte da premiação nos anos de 2018 e 2019. É pertinente ressaltar que as práticas pedagógicas submetidas e premiadas, aqui descritas, são referentes a trabalhos que aconteceram em anos anteriores às premiações.

Em 2018, na Educação Infantil, os relatos premiados foram: “O Brasil de todas as cores” compartilhado por Jalusa Glenda Menezes dos Santos, coordenadora da Escola



Municipal Hélio Melo. A proposta “Ubuntu: desenvolvendo relações saudáveis na Educação Infantil” de autoria de Joana Marques de Lima Saar Xavier, docente da Creche Municipal Integral Sagrado Coração de Maria. Ainda na Educação Infantil, tivemos o trabalho “Identidade, autonomia, linguagem oral e escrita, corpo e movimento, brincar, conhecimentos de temas da natureza, da sociedade e suas relações, música, matemática e artes visuais” de Luciana da Silva Gonçalves, também, docente da Creche Municipal Sagrado Coração de Maria e, por último, o projeto “Brincando de capoeira na creche” da professora Maria Francisca Freire de Freitas (in memoriam) da Creche Municipal integral Maria José Bezerra dos Reis.

No Ensino Fundamental I apresentamos: “Estratégias de inserção da literatura infantil negra na escola Natalino da Silveira Brito”, elaborado por Ângela Maria de Lima Albuquerque, docente na Escola Estadual Natalino da Silveira Brito O projeto “Clementina de Jesus” uma produção da professora Francisca Luzia Guimarães Cordeiro, da Escola Estadual Natalino da Silveira Brito; e por fim, e o projeto “Povos indígenas e afrodescendentes” compartilhado pela professora Maria Gorete Araújo, da escola SESI.

No Ensino Fundamental II contamos com as experiências: “Para quando as Áfricas?” idealizado pelo professor Antônio Marcos Miranda Barros, da Escola Estadual Clínio Brandão, com o projeto “Somos todos afro - edição 2017” compartilhado pelo professor Christian Morais de Oliveira Rêgo, da Escola Estadual Marilda Gouveia Viana, além da proposta “Cabelo bom é o que?” da docente Pâmela da Silva Monte Rodrigues, profissional do Colégio Vitória - Instituto Águias do Saber.

Na segunda edição do prêmio, realizada em 2019, tivemos três experiências contempladas, uma da Educação Infantil (creche) e duas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Na categoria Educação Infantil, tivemos os relatos: “Identidade, África como berço da humanidade, povos indígenas do Acre e povos africanos e indígenas como exemplos de cuidado com o meio ambiente” de Joana Marques de Lima Saar Xavier, professora da Creche Municipal Sagrado Coração de Maria. No Ensino Fundamental I, tivemos as experiências intituladas: “Estratégias de inserção da literatura infantil negra na Escola Estadual de Ensino Fundamental I Natalino da Silveira Brito”, de Ângela Maria de Lima Albuquerque, professora na Escola, cujo o local de trabalho coincide com o título do trabalho e, para finalizarmos, “O valor humano para além da aparência” de Arlete Pereira de Oliveira, docente no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre – CAP/Ufac.

As experiências aqui compartilhadas podem servir como sugestões de práticas pedagógicas a serem adotadas pelas creches e as escolas e, cada vez mais, unirem-se à luta antirracista e em defesa de uma Educação que promova a igualdade racial na escola e dialogue com a diversidade que compõe a nossa sociedade.

2. O Brasil de todas as cores

Jalusa Glenda Menezes dos Santos

As experiências do projeto “O Brasil de todas as cores” foram compartilhadas pela professora e coordenadora Jalusa Glenda Menezes dos Santos, da Escola Municipal de Educação Infantil Hélio Melo, localizada em Rio Branco, no estado do Acre. A ação foi realizada no ano de 2017, na escola já mencionada. Foram desenvolvidas atividades com a participação dos alunos, com idade de até 5 anos, das turmas de pré-alfabetização I e II, do turno matutino. Destacamos que as famílias das crianças, também, tiveram acesso ao Projeto.

O projeto “O Brasil de todas as cores”, em cumprimento da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece a obrigatoriedade da inclusão do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, proporcionou aos pequenos estudantes o conhecimento das nossas origens e a valorização da identidade negra e indígena. Visando ainda oportunizar os alunos da Educação Infantil a vivência da cultura afro-brasileira, contribuindo para a construção do olhar étnico-racial e do comportamento cidadão ainda na primeira infância.

O desenvolvimento do Projeto se deu em etapas e como parte da metodologia as crianças realizaram atividades diversas de forma lúdica. A aplicabilidade das atividades foi realizada no dia 30 de junho de 2018, na ocasião estiveram presentes as famílias, comunidade escolar e convidados.

A partir dessa experiência, os resultados obtidos, observamos que as crianças passaram a aceitar-se, elevando a sua autoestima, bem como, respeitando os colegas em suas singularidades.

3. Ubuntu: desenvolvendo relações saudáveis na Educação Infantil

Joana Marques de Lima Saar Xavier

A proposta “Ubuntu: desenvolvendo relações saudáveis na Educação Infantil” foi apresentada pela professora Joana Marques de Lima Saar Xavier, e é fruto das atividades realizadas na “Turma 101” da Creche Municipal Sagrado Coração de Maria, situada em Rio Branco, no Acre, no ano de 2017, com as crianças cuja faixa etária variava de 2 a 4 anos. A creche à época estava sob a gestão da coordenadora geral Danyelle Carlos da Silva d’Ávila e da coordenadora pedagógica Lislane Suellen Souza da Silva. É pertinente destacamos que a creche fornece atendimento em turno integral.

Durante os 10 meses de aula, fizemos diferentes atividades voltadas à aplicação da Lei nº 10.639/2003, “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Este relato de experiência explicita algumas das atividades realizadas na turma e a metodologia adotada. No primeiro dia de aula, apresentamos a filosofia africana “Ubuntu” para as crianças e seus familiares. Nesse dia a leitura do texto “Ubuntu” estabelecia-se o primeiro contato entre educadores, familiares e as crianças da “Turma 101”. Após a leitura, refletimos sobre o texto e atividade proposta.

Durante as aulas apresentamos a África às crianças como berço da humanidade e do conhecimento, demonstramos que é um continente que possui diferentes modos de vida, além de apresentar a beleza das paisagens e dos diversos pontos turísticos (através do uso de vídeos e imagens, trazendo uma visão diferente da qual é geralmente mostrada como sendo um continente: lugar de miséria, doenças, desnutrição e selvageria). Abordamos sobre alguns reis e rainha africanos). Foram feitas leituras de histórias africanas, na sequência solicitamos aos pequenos estudantes que recontassem as histórias lidas, e boa parte delas recontaram. Realizamos a confecção de abayomis (boneca negra e seu significado está ligado a felicidade e/ou alegria, indo mais além quer dizer ainda “encontro precioso”) com as crianças e narramos a origem dessas bonecas de tecido (depois da contação, perguntamos às crianças para quem dariam as bonecas e a elas responderam: “darei para a mamãe”, “para o papai”, para a vovó e vovô, “para a professora”). Após essa aula (confecção das bonecas) alguns familiares nos



procuraram para nos perguntar sobre as histórias, pois as crianças estavam recontando-as em casa. Falamos sobre as artes africanas, envolvendo a culinária, as brincadeiras e as danças. Trabalhamos as cores a partir das bandeiras dos países da África. O interessante é que algumas crianças ao olharem determinados objetos cujas cores relacionavam com as cores das bandeiras estudadas, logo falavam: “olha, iguais às da África”).

Ao trabalhar a questão da identidade, falamos sobre nossos tons de pele e o quanto cada cor é linda, ao mencionarmos os cabelos mostrávamos e fazíamos penteados), destacando a importância de gostarmos de nós como somos, além de compartilharmos imagens de pessoas negras de sucesso (com a intenção de frisar a importância da representatividade desde a primeira infância), outras atividades foram desenvolvidas. Procurando destacar a importância de cuidarmos uns dos outros e, sobretudo, respeitar as nossas diferenças. Colaboraram conosco para realização das atividades a professora da “Turma 102”, Maria de Fátima dos Santos Mendonça, as assistentes de creche, Ziliêde Monteiro da Silva e Sayonara Dias Moura, e a professora mediadora, Andréa Souza da Silva. As atividades foram realizadas no decorrer do calendário escolar daquele ano.

A seguir, explicaremos passo a passo como foi desenvolvida a atividade sobre filosofia africana. Recorremos a filosofia africana “Ubuntu” como forma de auxiliar as crianças pequenas a melhorarem as suas práticas, a estimularem gostar de si, a respeitarem as diferenças, desconstruírem estereótipos, a crescerem construindo relações saudáveis, como possibilidades de contribuírem com o desenvolvimento de boas práticas sociais e a tratarem as outras crianças como gostariam de serem tratadas.

Com a filosofia Ubuntu, objetivamos: estimular a construção de relações saudáveis na creche e aplicar a Lei nº 10.639/03 na Educação Infantil. Entre as atividades desenvolvidas com as crianças destacamos o compartilhamento de um vídeo intitulado: “Ubuntu – toda escola deve fazer a diferença”, após a veiculação do mesmo promovemos uma roda de leitura e de conversa sobre o texto “Ubuntu”, repetição do termo e explicação do seu significado e foram dadas sugestões de como cuidar de si e do outro. As crianças apreciaram tanto o vídeo, que pediram para vê-lo repetidas vezes, os (as) pequenos (as) mencionaram que as crianças do vídeo tinham os tons de pele iguais aos seus. Com um pacote de biscoito em mãos estimulamos as crianças a exercitar a partilha e perguntamos: - “O que deve ser feito com esses biscoitos?” “É para dividir, compartilhar” – responderam os alunos. Continuamos: “você não vão comer sozinhos?”, então



responderam: -“não, nós vamos dividir com o coleguinha”. Dessa forma, cada criança pegava um biscoito e repassava o pacote para o próximo coleguinha.

Para finalizarmos pedimos que citassem exemplos de como cuidar melhor umas das outras. Os exemplos foram os mais variados possíveis: não morder e nem bater, não tomar os brinquedos, e que deveriam compartilhar, brincar juntas e ajudar uns aos outros. Além de estarmos cumprindo as determinações da Lei nº 10.639/2003, acreditamos que essas atividades auxiliam as crianças a adotarem práticas que estimulem o aumento da sua autoestima, a respeitarem as diferenças, a crescerem com relações saudáveis e com a possibilidade de contribuírem com o desenvolvimento de boas práticas sociais.

4. Identidade, autonomia, linguagem oral e escrita, corpo e movimento, brincar, conhecimentos de temas da natureza, da sociedade e suas relações, música, matemática e artes visuais

Luciana da Silva Gonçalves

A proposta de práticas pedagógicas “Identidade, autonomia, linguagem oral e escrita, corpo e movimento, brincar, conhecimentos de temas da natureza, da sociedade e suas relações, música, matemática e artes visuais”, foi compartilhada pela professora Luciana da Silva Gonçalves, da Creche Municipal Sagrado Coração de Maria, localizada na cidade de Rio Branco, no Acre. As atividades foram realizadas na Educação Infantil, em 2017, tendo como público-alvo: as crianças da “Turma 102” que são atendidas em tempo integral (na faixa etária de 2 a 4 anos), as famílias e educadores (de forma direta e indireta).

A execução do projeto “Identidade e autonomia, linguagem oral e escrita, corpo e movimento, brincar, conhecimentos de temas da natureza, da sociedade e suas relações, música, matemática e artes visuais”, amparados nos termos das Leis nº 10.639/2003 [Dispõe sobre o ensino da Cultura africana e afro-brasileira] e nº 11.645/2008 [Estabelece o ensino da Cultura africana e afro-brasileira e indígena] corresponde à necessidade “educativa voltada para a formação de valores e posturas que contribuam para que as crianças valorizem seu pertencimento étnico-racial, tornando-se parceiros de uma nova cultura, da cultura antirracista, do fortalecimento da dignidade e da promoção da igualdade real de direitos”.



Portanto, nós, educadores da creche Sagrado Coração de Maria, o realizamos com o objetivo de despertar nas crianças o autoconhecimento, o respeito por si e pelos outros, independentemente de sua cor, raça ou origem, a participação da família, a cooperação e autonomia, além da ampliação do conhecimento sobre suas histórias de vida e o jeito de ser de cada um, através da interação creche-família.

O projeto teve início no mês de maio, estendendo-se até o final do ano. Foram realizadas diversas atividades em todos os eixos da Educação Infantil, algumas das quais fizeram parte da metodologia foram: identificar a família como referência de sua história, reconhecer e respeitar o outro com todas as diferenças existentes, contação de histórias com teatro, como: “A menina bonita do laço de fita” (da autora Ana Maria Machado), “Ninguém é igual a ninguém”, “O lúdico no conhecimento do ser” (de Regina Otero e Regina Rennó, “O curumim que virou gigante (do autor Joel Rufino dos Santos), entre outros. Compartilhamos com as crianças também, diversas músicas e brincadeiras, valorizando a cultura negra, origem indiana e africana, como: corrida do saci (brincadeira indiana), ciranda e terra-mar. Algumas das canções: Diversidade (cantor Lenine), Como é bom ser diferente (turminha do tio Marcelo), Você é especial (Aline Barros), entre outras.

Além, de realizar leituras de imagens e corte e colagem da diversidade humana: índios, africanos, japoneses e de algumas outras regiões brasileiras. Todas as atividades realizadas visavam promover o respeito às diferenças.

Sabemos que um ambiente farto em interações, que acolha as particularidades de cada indivíduo, promove o reconhecimento das diversidades, aceitando-as e respeitando-as, ao mesmo tempo em que contribuem para a construção da unidade coletiva, favorece a estruturação da identidade, bem como de uma autoimagem positiva. Reforçamos a importância da autoestima, estimulando as crianças a gostarem de seus cabelos, a cor de sua pele e seu corpo, sempre destacando o quanto cada uma é única, especial e linda. A partir do respeito a si próprio, observamos que as crianças retribuíram mais respeito uns pelos outros também, com afetividades, elogios, menos discórdias, mais diálogos, contribuindo assim, para um ambiente mais harmonioso.

5. Brincando de capoeira na creche

Francisca Freire de Freitas (*In memoriam*)

O projeto “Brincando de Capoeira na Creche” foi apresentado pela professora Maria Francisca Freire de Freitas (*in memoriam*), que à época trabalhava na Creche Municipal Integral Maria José Bezerra dos Reis, na cidade de Rio Branco, no estado do Acre. A execução do projeto teve início no segundo semestre de 2017, no início do mês de agosto, com duração de quatro meses. O público-alvo foram as crianças da Educação Infantil da “Turma 101” (com idades que variavam entre 2 e 3 anos).

Trata-se de um projeto institucional, na qual se trabalhou aspectos da cultura afro-brasileira desenvolvendo atividades práticas e teóricas. Foram abordados os seguintes aspectos: música; texto informativos; poemas; contos; instrumentos; história da África e dos afrodescendentes; e dança da capoeira. As músicas trabalhadas foram: “O trem”, “Lá no sitio da vovó”, “Olha o que aprendi” e “A E I O U”. Como parte da metodologia, os educadores escreveram a letra da música em um cartaz, fizeram uma roda de leitura com as crianças e depois colocaram uma música para tocar na caixinha de som para que todas ouvissem. Ao término da leitura, foi feita interpretação oral da letra perguntando: Qual o nome da música? Qual o assunto é abordado? Após ouvirem o ritmo e interpretá-la, educadores e crianças, cantavam e ritmavam a música. A primeira música a ser apresentada para as crianças foi “O trem”. Os pequenos estudantes apreciaram bastante, entoando principalmente o refrão. A segunda música a ser ouvida foi “A E I O U”, e que também agradou. A terceira e quarta música que foram escutadas respectivamente “Lá no sítio da vovó” e “Olha o que aprendi” que por sinal não alcançaram a mesma audiência que as outras, mas no decorrer do projeto, quando as crianças entenderam a letra da música, a maioria se encantou pela música “Lá no sítio da vovó”. Uma votação foi realizada em sala para averiguar quais as músicas que mais agradaram as crianças realizada da seguinte maneira: a educadora escreveu em uma cartolina os nomes das quatro músicas, juntamente com imagens que representassem suas letras. Em seguida, expôs o cartaz, disposto horizontalmente sobre uma mesa, possibilitando que todas as crianças tivessem uma visão completa sobre o material que estava sendo exposto. Logo após, a educadora leu o nome de cada música e cantou o refrão. Durante a votação, cada criança se aproximava da

cartolina e sinalizava a música que mais gostou além de fazer um desenho. Em seguida, a educadora escrevia ao lado o nome da criança que votou. A mais votada foi a música “Lá no sítio da vovó”, e por isso foi a selecionada para a apresentação no final do Projeto.

As leituras de textos diversos que retratam a história da África e dos afrodescendentes e indígena também estiveram presentes na execução do Projeto, apresentando desde poemas sobre a capoeira, assim como lendas sobre a “Princesa Arabela”, “Os contos de Chaka”, “Galinha D’angola”, ‘Kabá Darebú’, e vários textos informativos.

Os instrumentos musicais que fazem parte do repertório das rodas de capoeira foram importante fonte de informação para os educadores e crianças: o atabaque, o agogô, o caxixi, o pandeiro e o berimbau. Nas aulas teóricas (rodas de conversas), foram apresentadas pesquisas de cunho informativo sobre a história de cada instrumento, utilizando-se de cartazes com informações relevantes. A aula prática constitui um importante recurso pedagógico, , na ocasião a educadora Eda ensinava a forma correta de manuseio dos instrumentos, assim como os batuques produzidos por cada um nas rodas de capoeira. As aulas práticas de capoeira foram realizadas no parque ou em sala da aula, sob a orientação da educadora anteriormente mencionada e demais educadores que ficaram responsáveis por ensinar passos de capoeira as crianças. Dessa forma, as aulas da turma intitulada Estrelinha do Mar ocorriam às terças-feiras, de 08h15min as 08h45min.

A apresentação da música e a “rodinha de capoeira” ocorreram em três fases: entre salas, coletivo para a creche; no encerramento do projeto com as famílias (a apresentação entre sala foi nos momentos de interação entre as turmas: Estrelinha do Mar e Polvinhos, Golfinhos e Tartaruguinhas). Durante a metade dos meses novembro e dezembro, às terças-feiras à tarde, as turmas estiveram juntas para a “rodinha de capoeira”. Duas apresentações coletivas foram realizadas no refeitório, onde cada turma optou por uma música.

No dia 16 de dezembro de 2017 se deu o encerramento do projeto com a apresentação final, que contou com a participação de familiares na sala das Estrelinhas. As crianças cantaram uma música (coro acompanhando o som tocado pela caixinha) e dançaram a capoeira. Notamos que algumas crianças ficaram inibidas em participar, demonstrando nervosismo e vergonha, mas a maioria dançou capoeira. A reação dos pais foi de felicidade e não pouparam aplausos.

Observamos que o projeto de capoeira foi muito bem aceito pelas crianças, familiares e educadores. O momento da apresentação das músicas e “rodinhas de capoeira” era aguardado



por todos, esta última proporcionava uma maior concentração entre os pequenos. É relevante ressaltar que não foi observado em nenhum momento o emprego dos passos da dança como forma de promover a violência entre os colegas e/ou educadores. Com o projeto ficou evidente o melhoramento significativo no desenvolvimento motor, cognitivo e social de grande parte das crianças.

O desenvolvimento do projeto favoreceu o compartilhamento de conhecimentos em relação à história da África e possibilitou ainda que os alunos aprimorassem o respeito pelos colegas e demais profissionais da creche, bem como a sociedade em geral. As interações foram muito significativas. Por meio desse projeto houve grande transferência de conhecimento e/ou informações entre crianças e adultos. Motivo pelo qual foi dado continuidade ao projeto na Instituição no ano seguinte, em 2018.

6. Estratégias de inserção da literatura infantil negra na escola Natalino da Silveira Brito

Ângela Maria de Lima Albuquerque

As atividades do projeto foram planejadas e apresentadas pela professora Ângela Maria de Lima Albuquerque, que exerce a docência na Escola Estadual Natalino da Silveira Brito, na cidade de Rio Branco, no Acre. O segmento de realização da ação foi o Ensino Fundamental I, cujo o público-alvo foram crianças com idades que variavam de 6 a 10 anos, alunos do turno matutino, professores e comunidade escolar local.

Sabendo da necessidade da aplicação da Lei nº 10.639/2003 que estava restrita no âmbito dos livros didáticos disponíveis em bibliotecas e compreendendo a importância disso para a valorização das relações étnico-raciais, apresentei o Projeto: “Estratégias de Inserção da Literatura Infantil Negra na Escola Natalino da Silveira Brito”, aos docentes e discentes.

Posteriormente, comecei a desenvolvê-lo em sala de aula realizando várias atividades e usando como metodologia: Rodas de Conversas; entrevistas com as crianças e também com professores; rodas de leituras focando em livros com protagonistas afrodescendentes, questionando a ausência e a presença de personagens dessa origem nas histórias; atividades de interpretação de esquete do livro "BETINA", de Nilma Lino; a apresentação contou com plateia



composta pelos pais, alunos e professores. Também realizamos atividades de reescrita de histórias e ilustrações; recontos em grupos; exposições de livros; encenação da peça teatral no pátio da escola para toda a comunidade escolar. Ainda, compartilhei um vídeo de todas as etapas desenvolvidas no projeto, para que assim pudesse incentivar e motivar os demais colegas a realizarem e inserirem no âmbito da sala de aula tais atividades, visando a importância do respeito a esses povos que tanto contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Vale ressaltar que os instrumentos utilizados para a realização do projeto, foram questionários, livros literários, proposta curricular da Escola Natalino da Silveira Brito para análise, dentre outros.

A partir dos resultados alcançados com a execução do Projeto conclui-se que as crianças começaram a apresentar uma nova postura no tocante a aceitação do diferente, demonstrando assim, notória quebra de paradigmas, além da ampliação do acervo e propiciando ainda uma prática pedagógica colaborativa com os docentes da Instituição.

7. Clementina de Jesus

Francisca Luzia Guimarães Cordeiro

O projeto “Clementina de Jesus” foi idealizado e planejado no ano de 2017 pela professora Francisca Luzia Guimarães Cordeiro da Escola Estadual Natalino da Silveira Brito, situada na cidade de Rio Branco, no Acre. O segmento de realização da ação foi o Ensino Fundamental I, do turno matutino, tendo como público-alvo: as crianças de 1º Ano “A”, gestores, professores e a comunidade escolar como um todo.

O projeto “Clementina de Jesus” fez parte das ações que acontecem em novembro, mês dedicado ao trabalho da temática de promoção da Igualdade Racial na Instituição, e que é celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra. Os procedimentos metodológicos foram: no primeiro momento houve uma roda de conversa sobre a biografia de Clementina de Jesus com os alunos do 1º Ano “A”, com apresentação de fotos da artista, sua história e seu legado para a música brasileira, assim como as principais canções interpretadas por ela. Momento de socialização da temática e sensibilização das crianças para o projeto.

No segundo momento na sala de multimeios, assistimos a apresentação de três canções da cantora Clementina, assim as crianças puderam visualizar como ela se vestia e apreciar sua



voz. Em sala de aula, listei no quadro em ordem alfabética as principais canções de Clementina de Jesus, também enumerei as mesmas. Foi realizada escrita e leitura das canções explorando a letra inicial, final, quantidade de sílabas entre outras estratégias de leitura. Durante as aulas de artes realizaram a confecção de um portfólio de cartolina, coberto com tecido de chita, tendo a foto de Clementina na capa, além de descrever todas as atividades desenvolvidas durante a intervenção. Continham três canções: Me dá meu boné, Na hora da sede e Marinheiro só. Nesse momento era realizada a escrita espontânea seguida de ilustração. Para a culminância foi gravado um mix com as canções descritas acima na voz de Clementina de Jesus e apresentamos à comunidade escolar um samba de roda.

O Projeto nos possibilitou a fazer a seguinte leitura, como resultados notamos o respeito à cultura negra, à mulher negra, identificação de positividade por várias crianças negras na sala; ampliação do conhecimento musical e cultural; letramento; avanço no processo de alfabetização quando as crianças refletiam que letras utilizarem para a escrita das palavras; sequência numérica; união entre as crianças no compartilhamento dos materiais utilizados para a confecção dos portfólios; e a importância da participação das famílias nas atividades promovidas pela Escolar

8. Povos indígenas e afrodescendentes

Maria Gorete Araújo de Matos

As experiências do projeto “Povos indígenas e afrodescendentes” foram compartilhadas pela professora Maria Gorete Araújo de Matos, que é docente da Escola SESI, em Rio Branco, no Acre. Rio Branco. A execução desse foi no ano de 2017 e o segmento da ação foi o Ensino Fundamental I, tendo as crianças da escola e a comunidade escolar como público-alvo.

O projeto teve início no mês de abril, ocasião em que foi preparada a sala da cultura indígena para visita dos alunos do maternal ao 9º Ano durante todo o mês. O encerramento foi realizado em novembro, onde trabalhamos a cultura afrodescendente. Nesse momento a escola e a comunidade prestigiaram shows teatrais, danças, desfiles com trajes africanos, recital de poesia, rodas de capoeira, exposição de pintura indígenas e africanas, degustação da culinária

de origem africana e o sincretismo religioso. As ações foram desenvolvidas pelos alunos ao longo do projeto.

Buscamos despertar no educando um interesse maior pela leitura e escrita da cultura dos povos descritos no projeto, enfatizando sempre que esses são os eixos principais do aprendizado e da construção significativa do cotidiano de cada um, valorizando e respeitando as diferenças. Toda a escola se envolveu no projeto "Povos Indígenas e Afrodescendentes" para homenagear e prestigiar aqueles que a história não esqueceu, que tão valorosamente contribuíram para a formação do povo brasileiro. Fazendo parte da metodologia, ao longo do projeto foram exibidos filmes, documentários e realizados debates a respeito do preconceito racial e religioso, buscando sempre conscientizar e informar os estudantes sobre a importância de valorizar e respeitar nossa cultura e de outros povos, pois, não existe cultura nem melhor nem pior, apenas diferentes. Buscamos quebrar tabus e preconceitos que na maioria das vezes vem do seio familiar.

9. “Para quando as Áfricas?”

Antônio Marcos Miranda Barros

O professor Antônio Marcos Miranda Barros idealizou e compartilhou as atividades do projeto “Para quando as Áfricas?” realizadas na Escola Estadual Clínio Brandão, em Rio Branco, no Acre. O segmento de realização da ação foi o Ensino Fundamental II, teve como público-alvo a comunidade escolar, ou seja, professores, alunos, funcionários e a equipe gestora, e ocorreu durante o ano de 2017.

No primeiro momento, foi desenvolvido o projeto e apresentado à direção da escola. Em seguida foi exposto, também, aos colegas professores. Dentro da metodologia do projeto estavam previstas várias etapas, desde palestras de conscientização, exibição de vídeos, o desenvolvimento em sala com os alunos e a culminância na semana do 20 de novembro, essa data celebra o “Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra”, instituído pela Lei nº 12519, de 10 de novembro de 2011. Em nossa escola cada turma tem um padrinho e os mesmos ficam responsáveis por desenvolver um determinado projeto com suas respectivas turmas. Assistimos

uma palestra da professora Jaycelene Brasil e do professor José de Arimatéia (in memoriam), ambas trabalhando as temáticas com as turmas de 7º e 9º respectivamente.

O projeto apresentava várias sugestões aos colegas, de atividades a serem desenvolvidas, porém, eles tinham autonomia para acrescentarem e assim o fizeram. No encerramento tivemos um desfile, com meninos e meninas, com representantes de todas as turmas, apresentação de uma árvore genealógica, degustação de comidas que fazem parte da herança africana, apresentação de cartazes com grandes personalidades negras no Brasil e no mundo, apresentações teatrais, entre outros.

Ao fazer uma avaliação da execução do projeto acreditamos que os resultados foram positivos, uma vez que alunos e professores tiveram contato com o texto da Lei nº 10.639/2003, a partir da mesma desenvolveram suas propostas, desmistificaram suas visões preconceituosas sobre as religiões de matriz africana e aprenderam que muitas das palavras que usamos no dia a dia também são de origem africana.

10. Somos todos afro - edição 2017

Christian Morais de Oliveira Rêgo

O projeto “Somos todos afro ed. 2017” foi compartilhado pelo professor Christian Morais de Oliveira Rêgo, da Escola Estadual Marilda Gouveia Viana, localizada em Rio Branco, no estado do Acre. As atividades foram realizadas durante o ano de 2017, o segmento de realização da ação foi o Ensino Fundamental II e alcançou as crianças, os adolescentes, jovens, adultos e a comunidade escolar em geral.

A ação “Somos todos Afro ed. 2017” teve como objetivo apresentar em forma de exposição/feira elementos e aspectos da cultura afro-brasileira destacando principais características, influências e experiências da mesma para o nosso contexto educacional, social, cultural e artístico.

Tendo como objetivos específicos correlacionados as disciplinas envolvidas: 1) Identificar e combater as formas de preconceito e discriminação raciais existentes na sociedade e reproduzidos no ambiente escolar; 2) Resgatar o sentimento de autoestima e a criatividade diante de situações de opressão; 3) Sensibilizar os alunos diante da condição desumana e de



submissão atual dos excluídos da sociedade, a partir de uma visão crítica da formação histórica, econômica e social do país; 4) Formar cidadãos conscientes frente às diversas formas de preconceito racial;. 5) Promover a inserção social igualitária, através do combate à discriminação e ao preconceito racial, de forma a enfrentar o racismo brasileiro, valorizando e respeitando a diversidade humana; 6) Construir de maneira democrática uma visão social, sobre as diferenças existentes e valorizar a participação dos afrodescendentes na construção do país; 7) Conhecer a história política, social, econômica e cultural do país, pertinentes a questão dos afrodescendentes, como uma forma de reflexão sobre a construção da identidade do aluno, dentro da diversidade da sociedade brasileira; e. 8) Estimular a pesquisa e produção no que concerne a elementos artístico-culturais no que se destaca a arte, a linguagem, a moda, a indumentária e o contexto histórico.

Tal projeto nasce da necessidade de levantarmos a discussão sobre várias temáticas relacionadas a cultura negra, questões que foram identificadas na Escola no decorrer do ano e que poderíamos trabalhar em cima das questões emergentes, principalmente, o racismo e o preconceito de várias formas que viesse acontecer entre os alunos. Agrupado ao projeto de leitura da escola, todas as leituras e textos selecionados do segundo semestre que abordaram a temática étnico-racial, notícias sobre violência e preconceito contra população negra e atualidades sociais e econômicas relacionadas à cultura negra.

Após a definição da temática e a separação do material, os professores escolheram suas turmas de trabalho e, a partir das leituras em sala, tivemos oficinas de turbantes e maquiagem afro e palestras. Os alunos produziram materiais que possibilitaram a aquisição de conhecimentos e que foram apresentados durante a feira Afro realizada na “Semana da Consciência”. A feira foi dividida em quatro eixos de trabalho: 1) Culinária e Gastronomia; 2) Arte e Cultura Negra; 3) Religião/Aspectos Sagrados; e 4) Linguagem, Contexto Histórico e Atualidades. Os docentes participaram dos eixos temáticos juntamente com os grupos de alunos e que durante a Feira expuseram seus trabalhos. O evento foi finalizado com o desfile da Beleza Negra MGV, com alunos na passarela com indumentárias características da cultura negra.

Participamos de uma manhã de atividades na feira, com apresentação cultural de convidados, como capoeira e dança, exposição dos trabalhos dos alunos com toda a pesquisa trabalhada em sala de aula, mostra de máscaras africanas, contamos com a presença e participação efetiva da comunidade escolar.



11. “Cabelo bom é o quê?”

Pâmela da Silva Monte Rodrigues

As atividades do projeto “Cabelo bom é o quê?” foram planejadas e compartilhadas pela docente Pâmela da Silva Monte Rodrigues, profissional do Colégio Vitória - Instituto Águias do Saber, em Rio Branco, no Acre. As atividades foram desenvolvidas em 2017, no 6º “Ano” Ensino Fundamental II e envolveram os alunos, familiares, amigos e a comunidade em geral.

A ação foi embasada no livro com o mesmo nome “Cabelo bom é o quê?”, do autor Rodrigo Goecks, com quem tive contato pelas redes sociais e comentei sobre o projeto que estava sendo desenvolvidos por nós. A metodologia utilizada para a realização da atividade se dividiu em duas etapas: a primeira em sala de aula, junto aos alunos e com o auxílio da professora da disciplina de Matemática, foi realizada a leitura do livro, pesquisas e exibições de vídeos sobre o racismo e o preconceito aos tipos de cabelos. Promovemos ensaios para declamação da poesia que é o enredo do livro. A segunda etapa foi a culminância do trabalho que ocorreu em referência ao dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. Os alunos ornamentaram a sala para visitação, exposições de cartazes, pinturas, apresentação declamada do livro e um painel contendo a relevância da aplicação das Leis nº 10.639/2003 e nº11.645/2008.

Com o trabalho realizado obtivemos como resultado prático a conscientização por parte de todos os participantes de que o conteúdo da Lei nº 10.639/2003, alcança a todos nos aspectos de reconhecimento de que todos os seres humanos devem ser respeitados, independentemente das características físicas.



12. Identidade, África como berço da humanidade, povos indígenas do Acre e povos africanos e indígenas como exemplos de cuidado com o meio ambiente

Joana Marques de Lima Saar Xavier

A proposta de trabalho foi planejada e executada pela professora Joana Marques de Lima Saar Xavier, na Creche Municipal Sagrado Coração de Maria, instituição voltada para a Educação Infantil, localizada em Rio Branco, no Acre. As ações ocorreram em 2018 e tiveram como público-alvo as crianças com idades de 2 a 4, da “Turma 103”, e as educadoras.

A aplicabilidade dos conteúdos estabelecidos nas Leis nº10.639/2003 e nº 11.645/2008 têm fundamental importância para a formação de uma sociedade menos racista e mais respeitável. As reflexões propostas pelo trabalho das Relações Étnico-raciais estimulam: a positivação e valorização da nossa identidade, da nossa ancestralidade, dos diferentes modos de vida e o respeito às diferenças. Com a intenção de contribuir com a construção de uma sociedade melhor e acreditando no que Paulo Freire disse: "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo", tenho usado o espaço da sala de aula como importante espaço na promoção de mudanças e local para estimular as crianças menores que estão sob minha responsabilidade, a desenvolverem relações mais saudáveis. Assim compartilho algumas das atividades que realizamos (listamos abaixo apenas três atividades desenvolvidas, mas durante os 10 meses de aulas realizamos diversas outras atividades voltadas às relações étnico-raciais).

Para a realização das experiências “Identidade, África como berço da humanidade, povos indígenas do Acre e povos africanos e indígenas como exemplos de cuidado com o meio ambiente” usamos como metodologia: as rodas de conversas (com uso de imagens, mapas, vídeos, música, bonecos e bonecas); trabalhamos ainda a “Identidade, África como berço da humanidade, Povos Indígenas do Acre e povos africanos e indígenas como exemplos de cuidado com o meio ambiente”. Apresentamos a África, como berço da humanidade e do conhecimento, para as crianças e sempre levando em consideração o grau de conhecimento deles.

Então, ensinamos que África é um continente que possui 54 países, com diferentes modos de vida, além de apresentarmos a beleza das paisagens, as pessoas e os diversos pontos turísticos (trazendo para a discussão uma versão diferente da que geralmente é veiculada e



transmitida e buscamos ainda compreender o que as crianças conheciam sobre o continente). Falamos sobre alguns reis e rainhas do continente. Fizemos leituras de textos que falavam sobre a África como berço da humanidade (textos extraídos de sites da Internet e realizamos ainda a roda de leitura com uso de mapa e imagens). Assistimos o vídeo “Palavra Cantada”, e após a exibição do mesmo conversamos e posteriormente dançamos. A partir de imagens, bonecos e bonecas trabalhamos a questão da identidade, onde falamos sobre nossa ancestralidade, nossos tons de pele e ressaltamos o quanto cada cor é linda, sobre os cabelos (mostrávamos e fazíamos penteados). Sempre destacando a importância de gostarmos de nós como somos, além de compartilharmos imagens de pessoas negras de sucesso (com a intenção de promover a representatividade positiva) e procurando destacar a importância de cuidarmos uns dos outros e respeitar as diferenças. Realizamos uma roda de conversa, com uso de imagens e leitura de texto, sobre identidade e os povos originários do Acre.

Conversamos sobre como eram antes, como viviam, como vivem hoje e quantidade de povos que ainda existem (além de falar sobre seus modos de vida). Depois realizamos uma exposição de imagens sobre os povos indígenas do Acre e seus modos de vida (as crianças gostaram muito, sempre demonstrando entusiasmo). Também realizamos atividades que levassem as crianças a identificarem os povos africanos e indígenas como amigos do meio ambiente, compartilhamos com as crianças as formas que esses povos utilizam para cuidar, respeitar e retirar da natureza somente o necessário para viverem.

A representatividade é importante para a formação de nossas crianças, é preciso incentivar o crescimento de crianças empoderadas, respeitáveis e estimulá-las, desde a primeira infância, a gostarem de si mesmas, não pelo pelos bens materiais que possuem ou por suas aparências. E assim fazer com que as crianças, nos relacionamentos, não se sintam superiores uma a outras seja por suas características físicas ou condições sociais. Estimulando-as a não aceitarem injustiças e que estejam sempre dispostas a ajudar umas a outras e não diminuí-las. Acreditamos que o empoderamento deve ser estimulado desde a infância para que cresçam tendo forças para lutarem, para que tenham senso de equidade, para serem pessoas justas e não compactuarem com práticas racistas e preconceituosas. Desse modo ajudarão outras pessoas no combate ao preconceito, à discriminação, a exclusão e ao racismo.

Assim destacamos a importância da efetiva aplicação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 em todos os níveis de ensino, para que as crianças cresçam com autoestima



elevada, confiantes, gostando de si e das pessoas, conhecendo suas origens, tendo orgulho de sua ancestralidade, aceitando e respeitando as diferenças e contribuindo para uma sociedade respeitável, equânime e afetiva.

Através das atividades desenvolvidas as crianças tiveram a oportunidade de conhecer a África como berço da humanidade, tendo acesso às informações referentes ao continente africano, conhecendo um pouco mais sobre nossa identidade e ancestralidade. Também puderam tomar conhecimento sobre os povos originários do Acre e sua riqueza cultural e modos de vida. Compartilhamos ainda com os pequenos que os povos africanos e povos originários (povos indígenas) cuidam com zelo do meio ambiente e que se relacionam de forma amigável com natureza, tendo uma relação de cuidado e respeito com a mesma (por meio dessa atividade, estimulamos as crianças a inspirarem-se e espelharem-se nos povos indígenas e africanos quanto aos cuidados com o meio ambiente). A partir dessas atividades realizadas (e de outras que realizamos no decorrer do ano) foi possível observar uma significativa valorização entre as crianças. Observamos que as mesmas passaram a se reconhecer como negras (tendo orgulho de sua identidade e origens), com autoestima mais elevada gostando de si, dos seus cabelos e de seus tons de pele. Além da valorização do respeito, autocuidado, empatia, valorização, gentileza, gratidão e carinho.

Presenciamos um significativo cuidado com o meio ambiente, nas diferentes atividades que as crianças realizaram (quando fazíamos rodas de conversas sobre cuidado com a natureza, algumas crianças citavam as experiências sobre a relação dos povos indígenas e africanos com o meio ambiente). Essas atividades foram realizadas nos primeiros meses de aula na creche, mas durante todo o ano são desenvolvidas atividades voltadas à Educação das Relações Étnico-raciais (na creche existe o projeto "A beleza da cor" que é focado na realização de atividades que contemplem os conteúdos das Leis nº10.639/2003 e nº 11.645/2008). Através das atividades desenvolvidas percebemos que é importante trabalhar a Educação das relações étnico-raciais desde a Educação Infantil, pelo fato de estarem em uma fase de construção e desenvolvimento as crianças assimilam rapidamente e levam pela vida toda o que aprenderam ainda na infância. E se esforçam para respeitar e valorizar umas às outras. É fato que trabalhar a Educação Étnico-racial desde os primeiros anos das crianças traz frutos significativos não somente para o ambiente escolar, mas para toda a sociedade, porque essas crianças crescerão

valorizando e respeitando as diferenças, além de crescerem com orgulho de si e de sua ancestralidade.

13. Estratégias de inserção da literatura infantil negra na escola estadual de Ensino Fundamental I Natalino da Silveira Brito

Ângela Maria de Lima Albuquerque

No ano de 2018, a professor Ângela Maria de Lima Albuquerque colocou em prática o projeto “Estratégias de Inserção da Literatura Infantil Negra na Escola Estadual de Ensino Fundamental I Natalino da Silveira Brito”, seu local de trabalho, situada na cidade de Rio Branco, no Acre. O segmento de realização da ação foi o Ensino Fundamental I, nas turmas de 3º anos “A” e “C” e o público-alvo foram os professores, coordenadores, gestores, alunos) e seus familiares.

O projeto “Estratégias de Inserção da Literatura Infantil Negra na Escola Estadual de Ensino Fundamental I Natalino da Silveira Brito” surgiu a partir do diálogo com as práticas pedagógicas desenvolvidas durante uma ação pedagógica desenvolvida pela educadora com relação ao trabalho de inserção da literatura dos negros no espaço escolar para que fosse proporcionada uma nova reflexão com as crianças de 3 anos 3º Ano da Instituição em relação à inclusão da literatura negra na escola.

O principal objetivo era o de repensar os conceitos que influenciam na prática pedagógica como material do ensino planejado pelo corpo docente da escola, isto é, rever as obras literárias infantis apresentadas aos alunos de modo que tal intervenção venha a resultar numa implementação efetiva da literatura afrodescendente no currículo escolar e através dessa simples medida obter com êxito a aplicação da Lei nº 10.639/2003.

A metodologia e as atividades desenvolvidas durante este projeto foram: Apresentação do Projeto à equipe escolar, incluindo os alunos, explicando como seriam desenvolvidas as atividades; Conversa informal com as crianças; Roda de leitura de contos africanos para a identificação de personagens negros como protagonistas nas histórias e suas conclusões sobre isso; Atividades de reescritas e recontos dos contos africanos de forma coletiva e individual; Análise de algumas biografias de autores brasileiros que retratam sobre contos africanos;

Análise do mapa do continente africano; Exibições de vídeos sobre reportagens de situações em que vivem as crianças negras no Brasil e de contos africanos; Depoimentos das crianças relatando o que perceberam e aprenderam; Exposição dos trabalhos realizados pelos os alunos; Montagem de um mapa do Brasil com fotos dos alunos, percebendo a diversidade de etnias que compõe a cultura do nosso país; Dramatização de contos africanos; e Produção de criação de um livro de contos africanos.

Ao avaliarmos os resultados alcançados chegamos à conclusão que foram os melhores possíveis, pois após a execução deste projeto notamos que as crianças que possuíam ascendência negra sentiram-se incluídas no conceito estabelecido como modelo de felicidade abordado nos contos infantis, retratado na literatura infantil voltada para protagonistas de histórias que eram caracterizados como sendo pessoas negras. Outrossim, foi reafirmada a política de promoção da igualdade racial, através de atividades que contemplem os conteúdos estabelecidos pela Lei nº 10.639/2003.

14. O valor humano para além da aparência

Arlete Pereira de Oliveira

O projeto “O valor humano para além da aparência” foi compartilhado pela professora Arlete Pereira de Oliveira, docente do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre – CAP/Ufac. As atividades foram desenvolvidas no ano de 2018, o segmento de realização da ação foi o Ensino Fundamental I, as turmas participantes foram as do 2º Anos, organizaram uma apresentação de atividades que envolveu a participação da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I, do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

O projeto “O valor humano para além da aparência”, nome escolhido pelos alunos, foi realizado durante um mês e teve como objetivo geral conhecer as especificidades e cultura afro-brasileira reconhecendo as diferenças nas vivências humanas. Objetivos específicos eram: Desconstruir o conceito de que os africanos eram naturalmente escravos, quando na verdade eles foram escravizados por outros povos; Identificar como a cultura africana está presente no nosso cotidiano por meio de músicas, comidas, língua, religião, etc.; Tomar decisões individual e coletivamente frente a qualquer tipo de preconceito e racismo contra si e o próximo; Perceber



a singularidade de si e do outro em nossa sociedade, valorizando a diversidade que compõe o povo brasileiro.

Ao apresentar a proposta do projeto foi informado aos alunos que ao final, deveríamos propor um novo tema para o mesmo. Como metodologia foi utilizada : roda de conversa sobre a Lei nº 10.639/03 especificamente sobre o respeito às diferenças/igualdade racial; Diálogo sobre o significado de consciência; Relato pessoal, levando em consideração situações exibidas durante o vídeo veiculado sobre o racismo; Leitura de textos e atividade escrita; Leitura, escrita e ilustração de obras literárias; Produção de texto instrucional sobre as brincadeiras africanas shisima, pombo e mancala; Construção das brincadeiras com material reutilizável; Pesquisas sobre culinária, personalidades, brincadeiras africanas e curiosidades; Socialização das atividades realizadas para as outras turmas da escola; Conhecimentos trabalhados de forma interdisciplinar: Noção de lateralidade, posicionamentos e comparações: Acima de/abaixo de, em cima de/em baixo de, à direita de/à esquerda de, em frente de/atrás de, no meio de, diante de, em torno de (ao redor de), dentro/fora, antes de/depois de, ao lado de, entre, horizontal/vertical, menor que/ maior que, igual a/ inferior a/ superior a; Sentidos: para baixo/ para cima, por baixo/ por cima, para dentro/ para fora, para trás/ para frente, por detrás/ pela frente, através de, para a direita/para a esquerda, horizontal/ vertical; Conhecimentos matemáticos: par, ímpar, dobro, metade. As obras utilizadas foram: As tranças de Bintou, Bruna e a galinha D'angola, Minha mãe é negra, sim! O cabelo de Lelê e O filho do vento.

Após a execução do projeto, a partir dos resultados obtidos nota-se que a valorização da história e da cultura africana/afro-brasileira bem como a tomada de decisão frente a situações de todos os tipos de preconceito e houve o envolvimento das outras turmas durante a explicação dos alunos sobre as etapas do projeto. Para endossar esses resultados alcançados, apresenta-se algumas das falas dos alunos durante a avaliação coletiva do projeto: - “Aprendemos que os negros são importantes para nossa sociedade”; “Não devemos ter preconceito com ninguém”; “A aparência não é a coisa mais importante, mas sim o amor que existe dentro de cada pessoa”; “Devemos tomar atitude e ajudar a pessoa que sofre algum tipo preconceito”; “Não pensar somente em nós, e sim no coletivo”; e “E conhecemos histórias e brincadeiras diferentes”.